

EDUCAÇÃO FÍSICA E O ENSINO MÉDIO: O FUTEBOL AMERICANO A PARTIR DE UMA PERSPECTIVA CRÍTICO-SUPERADORA

Data de aceite: 02/05/2024

Orley Olavo Filemon

Professor Doutor em Educação/professor do curso de Educação Física, pela Universidade Estadual de Goiás, campus Metropolitanos/Eseffego. Pesquisa sobre Políticas Públicas

o estreitamento do diálogo entre Educação Física e Ensino Médio integral.

PALAVRAS-CHAVE: Esporte; Futebol Americano; Ensino Médio; Educação Física Escolar; Abordagem Crítico-Superadora.

RESUMO: Busca-se neste artigo, discutir a potência formativa do Esporte no Ensino Médio. Discute-se, a partir da proposição de uma unidade temática organizada segundo os fundamentos da abordagem Crítico Superadora, o Futebol Americano como linguagem que revela alguns determinantes histórico-culturais do circuito de ocidentalização. **Desenvolvimento:** O trabalho foi organizado em dois tópicos: no primeiro busca-se apresentar o Futebol Americano como elemento cultural. No segundo momento, pela mediação de uma unidade temática, discute-se a modalidade como possibilidade de ressignificação da Educação Física no Ensino Médio. **Considerações finais:** O Futebol Americano organizado segundo as particularidades do novo Ensino Médio, isto é, ressignificado a partir da abordagem Crítico-Superadora, por exemplo, permite

INTRODUÇÃO

Conforme Betti (1999) e Darido (2004), há um predomínio do esporte enquanto componente curricular na Educação Física escolar. Em complemento à essa conclusão pode-se afirmar que o trato desse elemento normalmente é recortado por um viés altamente reducionista. Prevalece o ensino do vulgo “quarteto fantástico” (futebol, voleibol, handebol e basquetebol). Qualquer dos quatro, quando muito, é pensado praticamente em uma perspectiva conteudista (histórico, regra, técnica e quando muito tática).

Não há qualquer menção ao esporte como artefato sócio-histórico que sintetiza e expressa cultura. A linguagem esportiva é reduzida a conteúdo de ensino, isto é, enquadrada no velho e enfadonho eixo transmissão/assimilação, acrítico

e anacrônico. Ainda sobrevivem em larga escala e com muita força os modelos técnico/instrumentais dos anos 1960, que tornaram-se pilar da Educação Física escolar brasileira entre os anos 1970 e final dos 1980. Tanto é verdade que a denúncia de 1992 pode tranquilamente ser reeditada sem provocar qualquer estranhamento duas décadas mais tarde, conforme se apreende em Soares *et al* (2012.) “O esporte é um forte integrante cultural de nossa sociedade, e a partir do momento que foi inserido na escola, sempre teve grande influência na Educação Física escolar, inclusive sendo inúmeras vezes praticamente o único conteúdo ministrado nesta disciplina.”

Especialmente no Ensino Médio, o esporte permanece pedagogicamente organizado como objeto de consumo. O que prevalece ainda é o esporte “na” escola, isto é a transposição acrítica do fenômeno esportivo para o ambiente escolar, tal qual anunciado ainda no final do século XX. “O esporte é selecionado porque possibilita o exercício do alto rendimento e, por isso, as modalidades esportivas selecionadas são geralmente as mais conhecidas e que desfrutam de prestígio social, como por exemplo, voleibol, basquetebol etc.” (SOARES *et al*. 1992, p. 37-38).

A despeito de todo o conjunto teórico/metodológico que vem sendo acumulado dos anos 1980 em diante e dos diversos marcos legais que desde a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9394/96) apontam para uma perspectiva de Educação Física formativa e não apenas instrutiva, o esporte continua sendo pensado a partir dos limites da diretividade pragmática (teoria X prática) ou da não diretividade. Normalmente é entregue às turmas do Ensino Médio sem qualquer trato pedagógico.

A grande maioria das experiências pedagógicas, ao invés de explorarem o esporte em suas diversas dimensões, inclusive em sua potência heurística, o que significa pensá-lo de forma problematizadora, isto é, como fenômeno que expressa determinantes políticos, econômicos e sociais e carrega diversas representações e significações, permanecem acalentando um passado que teve sua importância histórica, especialmente para a legitimação da Educação Física no interior do ambiente escolar, mas que além de estabelecerem um diálogo extremamente limitado com as diretrizes que apontam para a necessidade de ressignificação do Ensino Médio, ainda mantêm afastada a Componente curricular dos novos paradigmas de formação ou de educação integral. Um problema para a legitimação dela no Ensino Médio.

Sem ter qualquer pretensão de soar como receituário de como fazer, tendo em vista que procedimentos dessa natureza não se fazem necessários, haja vista o crescente volume de produções e relatos de experiência apontando caminhos para o reencontro entre Educação Física e Cultura Corporal, esse artigo surge da experiência vivida no Estágio Supervisionado II (Ensino Médio) do curso de Educação Física da UEG/Eseffego, com o intuito de discutir o potencial formativo do esporte, isto é, o esporte como trabalho, ciência e cultura. Por meio do diálogo com uma unidade temática que tem o Futebol Americano como mediação, busca-se discutir o esporte como síntese histórica, como potência de

conhecimento que se efetiva pela Cultura Corporal. Ressaltamos que este trabalho é resultado de um projeto de ensino, que foi desenvolvido no Estágio Obrigatório do curso de Educação Física, que buscou abranger a Cultura Corporal no seu aspecto Sociocultural. Pode-se dizer que todo percurso metodológico foi a pesquisa aplicada, pois, toda metodologia e conteúdo desenvolvido foram produzidos a partir de pesquisas bibliográficas e estudos de caso.

O FUTEBOL AMERICANO COMO SÍNTESE HISTÓRICO-CULTURAL

Considerando a dinâmica de seleção e organização do trabalho pedagógico em Educação Física no Ensino Médio no Brasil, um elemento da cultura corporal esportiva como o Futebol Americano dificilmente é incluído. É simplesmente ignorado de pronto, em função de fatores os mais diversos, tais como falta de familiaridade docente com a temática, falta de espaço e materiais apropriados e até preconceito. Quando incluído por motivos muito particulares de uma escola ou outra, é discutido na perspectiva do conteúdo com valor em si. Apresentado como produto para ser consumido segundo a linguagem burocrática do ensino/aprendizagem, teoria e prática. Normalmente, uma breve passagem pela história da modalidade, incluindo aí o modo como foi trazido para o Brasil e o aprendizado das regras, como elementos da teoria, e depois, de modo totalmente descontextualizado, a prática pela prática, apenas como forma de domínio da técnica de jogar ou aprender a jogar o Futebol Americano.

Diferentemente dessa perspectiva, o que se propõe neste trabalho é a discussão a partir de um esforço de construção de uma proposta de organização do trabalho pedagógico, que concebe o Futebol Americano como linguagem, isto é, como mediação explicativa de um dado circuito histórico-cultural.

O Futebol Americano compõe o conjunto das modalidades esportivas sistematizadas pelo eixo anglo-americano, expressam, portanto, um momento do ciclo de ocidentalização dos jogos ou das práticas corporais. Conforme (MORALES JÚNIOR; MARQUES, 2016) a modalidade é uma variação ou derivação do Rugby inglês. O intercâmbio político-econômico entre Inglaterra e EUA e o modo como os americanos historicamente se apropriaram da cultura inglesa permite compreender o Futebol Americano como a ressignificação do Rugby.

Nas escolas americanas o Rugby é apropriado por ressignificação. O esporte é assimilado, mas pela mediação de processos culturais específicos da comunidade ou grupo que lhe acolhe. Trata-se de um processo de recodificação muito comum nas situações de intersecção culturais. No caso da cultura corporal por exemplo, o jogo, a brincadeira ou esporte guardam os elementos de sua essência, mas de modo adaptado ao padrão cultural local. Conforme Costa, Bueno e Rodrigues (2017, p. 2) o Futebol Americano “por meio do Rugby [...] sofreu modificações e adaptações ao longo da sua história até o formato atual, mas mantendo a característica de ser um esporte de “conquista” de território, de contato físico e de caráter coletivo”.

A análise de Morales Júnior (2018) acerca do Futebol Americano no Brasil assenta-se nessa compreensão.

É possível identificar como o efeito de apropriação proposto por Bourdieu (1990) contribuiu para o surgimento de uma prática ressignificada de FA no Brasil, semelhante ao relatado com a transformação do Rugby em FA. As condições objetivas com relação às dificuldades de importação de equipamentos, falta de espaços específicos para prática e o pouco domínio nas técnicas envolvidas na modalidade, fizeram com que o grupo praticante adaptasse a prática para algo que fizesse parte de seu *habitus*. Como por exemplo, utilização dos espaços esportivos no litoral voltados para a prática do *beach soccer* e a não utilização do contato físico vigoroso característico do FA profissional dos EUA (MORALES JÚNIOR, 2018, p. 38, grifo do autor).

A transformação do Rugby no Futebol Americano se dá principalmente a partir da racionalização do jogo, no qual Walter Camp é considerado o responsável por em meados da década de 1880 ter organizado e sistematizado as regras, as táticas, as estratégias de jogo que hoje (apesar de algumas mudanças) fazem parte do Futebol Americano que conhecemos (DUARTE, 2004; MORALES JÚNIOR; MARQUES, 2016; RODRIGUES *et al.*, 2014). Todavia, vale a ressalva que não podemos atribuir a Walter Camp o mérito de ter “inventado” o Futebol Americano – como às vezes encontramos na literatura – pensar desta forma é desconsiderar toda a constituição histórica do esporte, dado que seu surgimento é resultante de vínculos culturais. Portanto, o Futebol Americano não foi inventado por uma pessoa ou um grupo, mas sim construído por meio de relações socioculturais.

Na hodiernidade, alguns autores (COSTA; BUENO; RODRIGUES, 2017; RODRIGUES *et al.*, 2014) apontam que o Futebol Americano vem tendo um aumento exponencial de sua popularidade no Brasil. Entretanto, essa colocação precisa ser melhor esclarecida. Esse aumento do esporte em nosso país se deu apenas em uma dimensão elitizada, não atingiu todas as camadas sociais. O Futebol Americano ainda é uma realidade distante do universo escolar, por exemplo. Sendo assim, a sua expansão no Brasil é limitada àqueles que possuem um maior capital econômico para acompanhar a modalidade através de canais televisivos fechados. Já em relação a sua prática, apesar do crescimento de praticantes nos últimos anos, ainda não podemos falar que é uma modalidade esportiva influente e popularizada, pois é bem restrita a certos grupos e regiões do país e se organiza amadoristicamente.

Nesse sentido, poderia se afirmar que não faz muito sentido trabalhar o Futebol Americano em aulas de Educação Física no Brasil. Contudo, o fato de a modalidade expressar códigos, simbologias e valores de um sistema cultural faz-se necessário conhecê-lo. Conhecer o Futebol Americano é apreender o circuito histórico-cultural de um dos principais projetos sistemas rnr aulas de Educação Física escolar, posto que ele é um esporte que não tem ainda tanta expressividade na sociedade brasileira por causa da sua base elitizante. Então, é imperioso explorarmos o Futebol Americano na escola pública, pois só assim os alunos da classe proletária poderão ter conhecimento e acesso ao esporte.

Em virtude disso, surge outra questão: por que o Futebol Americano não está sendo ensinado nas aulas de Educação Física escolar? Não temos uma resposta peremptória para tal problemática, no entanto acreditamos, a partir de alguns pressupostos, que existe pelo menos dois motivos principais que contribuem para o Futebol Americano não estar sendo inserido nas aulas Educação Física escolar.

Um primeiro motivo, acreditamos ser o fato do Futebol Americano ser um esporte que à primeira vista parece ser muito complexo, cheio de detalhes e regras muito específicas, um jogo muito estratégico e tático, somando com isso, quase nenhum curso de graduação de Educação Física oferta esse tipo de modalidade esportiva, assim, os professores normalmente não se sentem capacitados para ensinar este esporte como também acontece com outras modalidades esportivas não convencionais ou outros conteúdos da Educação Física.

Outro motivo pode ser a questão de o Futebol Americano ser um esporte praticado em um campo específico demarcado por jardas, possuir um gol diferenciado (poste Y), por ser jogado com uma bola específica (bola oval), precisar de aparelhos de proteção, etc., elementos estes que não há nas escolas. Todavia, isso também não pode ser argumento para não trabalhar com este esporte nas aulas, dado que como nos coloca Soares *et al* (2012) devemos trabalhar com o esporte da escola e não reproduzirmos o esporte na escola. Neste sentido, devemos adaptar, recriar o esporte que vamos ensinar de acordo com a realidade da escola e dos educandos.

O Futebol Americano pode ser compreendido como o fio de Ariadne para reflexionarmos sobre uma modalidade que surgiu como apropriação/ressignificação do Rugby. Suas características, regras, normas, técnicas e táticas, o modo como é explorado pela indústria cultural e pelo show *business* norte-americano fazem do futebol americano chave de leitura de uma realidade que tem muito a revelar sobre a estrutura de sentimento do mundo ocidental. Trata-se de um fenômeno social imbuído de códigos, valores e princípios que permitem apreender o sentido da prática esportiva segundo a ética das sociedades que se organizaram a partir da divisão de classes, do patriarcado, do intervencionismo e da segregação das minorias. Neste sentido, o Futebol Americano da escola, abordado como síntese histórico-cultural, isto é, a partir de uma crítica superadora permite, tal qual enfatizam Rodrigues e Darido (2008, p. 14) que “a prática pedagógica do professor promova a reflexão e crítica sobre aspectos econômicos, sociais, políticos e culturais [...], o que não exclui o conhecimento da cultura a respeito da técnica”.

Diante dessa constatação, outrossim, cabe refletir como o Futebol americano pode tornar-se potência formativa no Ensino Médio integral.

O FUTEBOL AMERICANO COMO PROBLEMA DA EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO MÉDIO

Pensar o Futebol Americano a partir de uma perspectiva problematizadora, transcende ensiná-lo como conteúdo ou modalidade inventada por iluminação de quem quer que seja. Uma abordagem Crítico-Superadora da prática esportiva pressupõe uma compreensão holística, dialética e histórica. Isto é, discuti-lo como síntese histórico-cultural, que se desenvolve revelando contradições e como pontua Bungenstab (2019), elemento da Educação Física escolar que deve ser pensado a partir de uma “[...] perspectiva universalizante, principalmente, no que tange à dimensão cultural-artística do conteúdo” (p. 6).

Neste sentido, corresponde a pensar o Futebol Americano como linguagem que expressa uma cultura corporal que por um lado conforma, mas por outro é potência de formação de um

[...] ser um praticante lúcido e ativo, que tenha conhecimento e compreensão dos pressupostos do jogo e seja capaz de apreciar todos os aspectos que o envolvem, tais como: a estética e a técnica; as informações e interesses políticos, sociais, econômicos e históricos do esporte (PEREIRA; MOREIRA, 2005, p. 122).

Uma pedagogia histórico-cultural do Futebol Americano viabiliza uma aprendizagem do esporte em suas variadas dimensões, o que inclui a consciência crítica, isto é, a constatação, interpretação e compreensão analítica inclusive da própria modalidade (SOARES *et al.*, 2012).

É pertinente salientar que não há o intuito de propor uma maneira ideal, ou uma receita para ensinar o Futebol Americano no Ensino Médio. A finalidade é apresentar uma proposta de unidade temática que permita pensar o esporte como possibilidade formativa ou canal de diálogo com a juventude.

Unidade didática para o ensino do Futebol Americano no Ensino Médio	
Aulas	Temáticas
Aulas 1 e 2	1-Contextualização histórica do Futebol Americano
Aulas 3 e 4	2- Hegemonia e mídia no Futebol Americano
Aulas 5 e 6	3-Racismo no Futebol Americano e na sociedade

Quadro 1 – Proposta de uma unidade temática para o ensino do Futebol Americano no Ensino Médio.

Tratando-se de uma modalidade tão pouco praticada no ambiente escolar, o movimento inicial deve ser a contextualização histórico-cultural do Futebol Americano. Problematizar o processo de surgimento das modalidades esportivas pode ser uma entrada bastante eficaz. As similaridades e conflitos entre o Futebol Americano e o Rugby inglês permitem um ótimo diálogo acerca de como as questões culturais dão sentido e ao mesmo tempo ressignificam o esporte moderno.

No Rugby os jogadores podem executar passes apenas para os lados ou para trás. Podem também chutar a bola para frente, mas somente o jogador que chutou ou qualquer jogador da sua equipe que estiver do lado ou atrás dele no momento do chute que poderá recepcionar a bola. Há quatro formas de pontuar, a maior pontuação é chamada de *Try*/ensaio, são 5 pontos. Para equipe conseguir o *Try*/ensaio um dos jogadores deverá ultrapassar a linha de *in-goal* do adversário (linha de fundo) e apoiar a bola no chão. Ao marcar um *try*/ensaio a equipe recebe uma oportunidade extra de pontuar, que é denominada de conversão. A conversão vale 2 pontos. Para conseguir essa pontuação, um dos jogadores da equipe terá que dar um chute e acertar o gol (zona H). Outra forma de pontuar é a partir do chute de penalidade que vale 3 pontos. Esse chute deve ser executado no local em que a infração ocorreu. Por fim, a quarta possibilidade de pontuar é a partir do *drop Goal*. Em qualquer momento da partida pode-se tentar realizar um *drop Goal* que vale 3 pontos. Para isso o jogador terá que acertar o gol com chute, mas a bola precisa tocar ao chão antes do chute para ser válido (Portal do Rugby, 2012).

O Futebol Americano é praticado por 11 jogadores em cada time, porém cada time é constituído por três grupos de jogadores que exercem funções diferenciadas no jogo, são eles: “[...] ataque (*ofensivo-time*, que possui a posse de bola); [...] de defesa (*defensive-time*); e os times especiais, que só entram em campo em situações de chute (*kick offs, Field goals e punts*)” (RODRIGUES *et al.*, 2014, p. 229, grifos do autor). No Futebol Americano, diferentemente do Rugby, além dos passes laterais e para trás, é permitido realizar passes para frente. Além disso, conforme Rodrigues *et al.* (2014),

[...] a partida possui quatro quartos de 15 minutos cada. O time que recebe a bola do chute inicial (*kick off*) no primeiro quarto terá que começar o terceiro chutando. A equipe de ataque tem 40 segundos para começar uma jogada, desde o *rudle* (roda para escolha da estratégia da jogada) até a saída da bola com o *snap* (entrega da bola do jogador chamado *center* para o *quarter back*) e quatro chances para o alcance de dez jardas (*first down*). [...] Os jogadores devem estar equipados com protetores de joelhos, capacetes, protetor bucal, protetores de ombros (*shoulder pads*), protetores de quadril, cós e protetores de coxas. (Rodrigues *et al.*, 2014, p. 229, grifos do autor).

Essas diferenças existentes entre o Rugby e o Futebol Americano expressam os contrastes socioculturais dos britânicos e dos norte-americanos. Analisando os pormenores de ambos os esportes é possível identificarmos traços e valores sociais, culturais, ideológicos, econômicos e políticos que, grosso modo, aludem à base constitutiva do Reino Unido e dos Estados Unidos (EUA).

Além de permitir discutir como se articulam em uma modalidade esportiva e cultura e a cultura corporal, o Futebol Americano apresenta-se como chave de leitura de primeira linha para se compreender o movimento histórico da sociedade norte-americana. Discuti-lo como totalidade dialética é entender todo um conjunto de problemáticas sociais que se disfarçam no projeto de nação dos EUA. Pela mediação do Futebol Americano o esporte

se explica como organização cultural, como produto para o consumo (mercadoria) e como estratégia da indústria cultural. Portanto, trata-se de uma modalidade que permite realizar um debate sobre hegemonia e influência midiática no Futebol Americano. Bracht (2005, p. 65) argumenta que a “[...] forma hegemônica da cultura corporal de movimento é o esporte. Isto é, o esporte é a forma da cultura corporal de movimento que é funcional para a atual hegemonia.”

Outra problematização possível pela mediação do Futebol Americano é a reflexão acerca do esporte como reprodução/ressignificação. O jogo *Flag Football*, uma modalidade alternativa derivada do Futebol Americano, mais simples tanto em regras como em acessórios para a prática, além de uma variação é chave para a compreensão do esporte como fenômeno social que se organiza a partir de determinantes políticos e econômicos.

O *Flag Football* é uma modalidade que evita o contato físico. A disputa pela bola é substituída pela subtração da flag da equipe oponente. O jogo terá o mínimo de contato, pois para tentar impedir que o ataque avance a equipe defensora deverá tentar tirar a flag do oponente que estiver com a bola ao invés de imobilizá-lo fisicamente.

O *Flag Football* em sua ressignificação técnico/tática e principalmente o Futebol Americano em sua complexidade de disposição/movimentação dos jogadores deixam evidente que em esportes de invasão dessa natureza a capacidade de organização espaço temporal é muito mais eficaz que o dispêndio irracional da força física.

Portanto, o Futebol Americano nos seus variados aspectos, torna-se reflexão pedagógica diagnóstica, judicativa e teleológica. Diagnóstica porque se propõe a constatar, ler e interpretar os fatos de uma realidade que se organiza de forma histórica, articulada e, especialmente no caso da sociedade norte-americana, altamente contraditória. É judicativa por pensar o esporte a partir de uma perspectiva da ética e é teleológica pelo fato de conceber o esporte como processo histórico que tem se desenvolvido historicamente de modo interessado (SOARES *et al.*, 2012).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ainda que a ordem do dia seja o Ensino Médio organizado a partir da perspectiva do trabalho, da ciência e da cultura, assentado sob a estética da sensibilidade, da política da igualdade e da ética da identidade, ainda que a Educação Física como expressão da cultura corporal tenha sido incluída como componente curricular da área das linguagens com igual responsabilidade na formação da população jovem, o que se percebe de fato é a grande dificuldade da última etapa da educação básica desvincular-se dos princípios interessados e da abstração do velho Ensino de Segundo Grau.

Desde os anos 1990 o esforço de criação de uma nova perspectiva de Ensino Médio esbarra nesse limite. Não por acaso, há mais de vinte anos o Brasil vem ensaiando a inovação do Ensino Médio. Contudo, a despeito de toda a produção teórico/metodológica

expressa em teses, dissertações, artigos científicos e inúmeros documentos de reorientação curricular, a realidade dos sistemas de ensino são escolas pensando e organizando o Ensino Médio em uma perspectiva altamente instrumental. A preparação para o acesso ao ensino superior ou a profissionalização imediata permanecem como princípios.

Nesse contexto de reforma autoritária do Ensino Médio primeiro como Medida Provisória nº746, depois via Lei nº13.415/2017 e Base Nacional Comum Curricular (BNCC), na qual o esforço de cerca de 30 anos de ressignificação do Ensino Médio parece estar sendo abandonado, faz-se necessário manter vivo o compromisso com a construção de uma perspectiva de formação que faça sentido à juventude, que supere a racionalidade do eixo transmissão/assimilação de conteúdo.

Daí a necessidade de se continuar discutindo possibilidades de organização de trabalho pedagógico em sintonia com os pressupostos da filosofia da práxis. Pensar o Futebol Americano no Ensino Médio a partir da abordagem Crítico-Superadora é aliar-se a esse esforço de construção de uma perspectiva de formação para a autonomia intelectual. A modalidade, se compreendida como mapa de leitura de uma dada realidade, possibilita explorar o esporte na escola de forma crítica, uma demanda da Educação Física escolar desde os anos 1980.

Destarte, fica evidente que a sistematização de uma unidade temática a partir dos elementos do Futebol Americano além de factível do ponto de vista técnico e da disponibilidade de recursos, contribui com a ainda principal tarefa da Educação Física no Ensino Médio, qual seja, passar do esporte como objeto de inculcação ao esporte como constructo histórico-cultural que guarda diversas chaves de leitura dos diferentes circuitos político-econômico.

REFERÊNCIAS

BARROSO, André Luís Ruggiero; DARIDO, Suraya Cristina. Escola, educação física e esporte: possibilidades pedagógicas. *Revista Brasileira de Educação Física, Esporte, Lazer e Dança*, v. 1, n. 4, p. 101-114, 2006.

BETTI, Irene Conceição Andrade. Esporte na escola: mas é só isso, professor? *Motriz*. v. 1, n.1, jun. p. 25-31, 1995.

BRACHT, Valter. *Sociologia Crítica do Esporte: Uma Introdução*. 3. ed. Vitória: Unijuí, 2005.

BUNGENSTAB, Gabriel Carvalho. Educação Física, ensino médio e juventude: vamos falar sobre crise? *Pensar a Prática*, v. 22, 2019.

COSTA, Neuza Cristina Gomes da; BUENO, Igor Alexandre; RODRIGUES, Francisco Xavier Freire. O Futebol Americano numa perspectiva histórico-sociológica: o caso de Mato Grosso. *Recorde: Revista de História do Esporte*, v. 10, n. 1, 2017.

CURTI, Antony. *História sobre racismo institucionalizado nos EUA e a posição de Quarterback*. 2015. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/historia-sobre-racismo-institucionalizado-nos-eua-e-a-posicao-de-quarterback/>. Acesso em: 03 fev. 2020.

DARIDO, Suraya Cristina. A educação física na escola e o processo de formação dos não praticantes de atividade física. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, v. 18, n. 1, p. 61-80, 2004.

DUARTE, Orlando. *História dos esportes*. Senac, 2004.

FERREIRA JUNIOR, Neilton; RUBIO, Katia. Revisitando a “raça” e o racismo no esporte brasileiro: implicações para a Psicologia Social. In: RUBIO, Katia; CAMILO, Juliana Aparecida de Oliveira (Org). *Psicologia Social do Esporte*. São Paulo: Képos, 2019. p. 183-208.

LUKACS, John. *Uma nova República: história dos Estados Unidos no século XX*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

MORALES JÚNIOR, Valter Ruiz Morales; MARQUES, Renato Francisco Rodrigues. O Futebol Americano e a teoria dos campos: a análise histórica da modalidade nos Estados Unidos na perspectiva da obra de Pierre Bourdieu. *The Journal of the Latin American Socio-cultural Studies of Sport (ALESDE)*, v. 6, n. 1, p. 11-24, 2017.

MORALES JÚNIOR, Valter Ruiz. *O subcampo do Futebol Americano no estado de São Paulo entre 2015 a 2017: rupturas, aproximações e disputas por poder entre ligas e federação*. 2018. Dissertação (Mestrado em Atividade Física e Esporte) - Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2018.

PASSETTI, Gabriel. Os britânicos e seu império: debates e novos campos da historiografia do período vitoriano. *História (São Paulo)*, v. 35, p. 1-24, 2016.

PEREIRA, Raquel Stoilov; MOREIRA, Evando Carlos. A participação dos alunos do ensino médio em aulas de educação física: algumas considerações. *Journal of Physical Education*, v. 16, n. 2, 2005.

Portal do Rugby. *Guia para Iniciantes*. 2012. Disponível em: <http://www.portaldorugby.com.br/entenda-o-rugby/guia-para-iniciantes>. Acesso em: 20 fev. 2020.

RODRIGUES, Francisco Xavier Freire; COSTA, Neuza Cristina Gomes; PEDROSO, Lenara da Costa; SILVA, Joycy Ambrósio da. Futebol Americano no país do futebol: o caso do Cuiabá Arsenal. *Barbarói*, v. 2, n. 41, p. 227-247, 2014.

RODRIGUES, Heitor de Andrade; DARIDO, Suraya Cristina. A técnica esportiva em aulas de educação física: um olhar sobre as tendências sócio-culturais. *Movimento*, v. 14, n. 2, p. 137-154, 2008.

SOARES, Carmen Lúcia; TAFFAREL, Celi Nelza Zulke; VARJAL, Elizabeth; CASTELLANI FILHO, Lino; ESCOBAR, Micheli Ortega; BRACHT, Valter. *Metodologia do Ensino de Educação Física*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2012.